

António Nobre: entre a Solidão Essencial e a Solidão Povoada /

António Nobre: between the Essential Loneliness and the Populated Loneliness

Moisés Carlos Amorim *

Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT. Professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso – Seduc-MT.

 <http://orcid.org/0000-0002-5608-9126>

Diego Pinto de Sousa **

Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. Professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso – Seduc-MT.

 <https://orcid.org/0000-0002-4954-9876>

Recebido: 27 fev. 2020. **Aprovado:** 07 mai. 2020.

Como citar este artigo:

AMORIM, Moisés Carlos; SOUSA, Diego Pinto. António Nobre: entre a Solidão Essencial e a Solidão Povoada. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, n. 3, p. 192-214, ago. 2020.

RESUMO

A solidão coloca-se diante do humano como um paradoxo. Ao passo que originária e constitutiva (Heidegger) e, por isso, inescapável – para o ser humano – em sua sociabilidade, a solidão pode configurar-se como temível e que faz adoecer. Entre estes extremos encontra-se uma visão dual concebida nos conceitos de Solidão e Solitude (Tillich), parte negativa e positiva da solidão, respectivamente. Neste artigo, refletimos a questão da solidão a partir do farol da literatura. Em especial a obra *Só* de António Nobre, publicada no fim do século XIX. Auxiliada por Bakhtin, Blanchot, Volochínov e Rilke, uma leitura dialógica da obra nobreana demonstra que sua poética apresenta uma solidão, para além do aparente isolacionismo monástico, fundada na alteridade, na “relação com”. Essa subjetividade (criadora), constituída no diálogo com o outro, estabelece uma solidão povoada de dizeres, sujeitos e sentidos outros. O que contrapõe ou ressignifica a visão de uma solidão essencial na criação literária.

PALAVRAS-CHAVE: Solidão povoada; Alteridade; Teoria Dialógica; Solidão Essencial; António Nobre.

*

 moiescarmorim@hotmail.com

**

 diegopsousa@hotmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i3.1718>

ABSTRACT

The loneliness sets before the human being as a paradox. While originating and constitutive (Heidegger) and, wherefore inescapable - for the human being- in his sociability, the loneliness can be configured as fearsome and that causes disease. Between these extremes there is a dual vision conceived in the concepts of Loneliness and Solitude (Tillich), negative and positive part of loneliness, respectively. In this article, we reflect the matter of loneliness from the framework of literature. In particular, the work *Só* by António Nobre, published at the end of the 19th century. Supported by Bakhtin, Blanchot, Volochinov and Rilke, a dialogical read of the nobrean work demonstrates that its poetics presents a loneliness, beyond of the apparent monostatic isolationism, founded in alterity, in "relationship with". This (creative) subjectivity, constituted in the dialogue with the other, establishes a loneliness populated by sayings, subjects and other meanings. Which opposes or reframes the vision of an essential loneliness in literary creation.

KEYWORDS: populated loneliness; Alterity; Dialogic theory; Essential loneliness; António Nobre.

1 Introdução

*“Quem não souber povoar a sua solidão, também não conseguirá isolar-se entre a gente”
C. Baudelaire*

Cerca de 277 milhões de pessoas vivem sós atualmente em todo o mundo. “Uma em cada três pessoas sente-se sozinha na sociedade da hiperconexão e das redes sociais” (CACIOPPO; CACIOPPO, 2016). No Brasil o número de pessoas solitárias perfaz 12,1% e, segundo a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, a solidão é o maior medo entre os idosos brasileiros (29%) (ROCHA, 2018). Os noticiários alardeiam e a correlacionam com a morte: “A doença da solidão”, “Solidão, uma nova epidemia”, “Solidão pode matar...”, “Os surpreendentes efeitos da solidão e o impacto na saúde” (NUNES, 2015; CACIOPPO, 2016; VIEIRA, 2017; SETOR SAÚDE, 2017). Aproximada pela mídia dos sintomas e indícios de depressão, a solidão, geralmente, possui uma relação intrínseca com a morte e o mal-estar. Pensando a questão da solidão na contemporaneidade, Salvelina Silva sintetiza:

A noção ou o sentimento de solidão e de exílio é o resultado da contingência existencial, porquanto o homem é arremessado a um turbilhão insondável de exigências e obrigações, num universo que, segundo Sartre, é uma totalidade esfacelada, um mundo estilhaçado em miríades de consciências, sendo cada uma, por sua vez, um universo absoluto. Esta característica do mundo é apenas o reflexo da situação do homem. De fato, o homem se vê, cada vez mais surpreso e perplexo, às vezes ao ponto de verdadeira catatonia, diante por um lado, da sua dimensão poliédrica, das diversas identidades do seu eu, da sua diáspora e de seus devires, e de outro, da relação cada vez mais visceral de todos os homens que ele é (ou precisa ser). (SILVA, 2000, p. 85).

Em uma procura de como iniciar esta reflexão, por exemplo, deparamo-nos com uma triste coletânea de notícias sobre o fenômeno de mortes solitárias: “Mulher é encontrada mumificada em apartamento cinco anos após sua morte”, “Finlandês morre no trabalho e colegas



só notam dois dias depois”, “Homem encontrado morto deitado em rede após 1 ano e 3 meses deixou mensagens na parede” (PONTEVEDRA, 2017; BBC BRASIL, 2004; TAVARES, 2014). Assiste-se, portanto, uma virada paradigmática do convívio social, onde a individualidade, assentada na lógica mercadológica do consumo, estabelece relações egoísticas, volúveis e impessoais em que a própria concepção em relação de/com o tempo foi resignificada por princípios de regulação e mecanização (ELIAS, 1998). Todo este fenômeno de solidões em meio à multidão, bem como de renovação axiológica da conceptualização da solidão – apesar de numa escala menor haver contestação (HAMMOND, 2018), fomentaram alternativas e políticas públicas como a da criação do Ministério da Solidão no Reino Unido (ROCHA, 2018).

Um paradoxo, bem alimentado pela epígrafe deste texto, surge a partir daí: *somos sós* e ao mesmo tempo *somos com*. Seres sociais, para Aristóteles, e seres originariamente solitários, como aponta Heidegger (NUNES, 2015). Discutida por uma diversidade de áreas, como as áreas da saúde e a própria filosofia, em nossa reflexão, o fenômeno da solidão será estudado a partir da estética literária.

Saramago, por exemplo, nos dá vista da natureza dual da solidão em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*:

Ora, a solidão ainda vai ter que aprender muito para saber o que é isso é, Sempre vivi só, Também eu, mas a solidão não é viver só, a solidão é não sermos capaz de fazer companhia a alguém ou a alguma coisa que está dentro de nós, a solidão não é uma árvore no meio duma planície onde só ela esteja, é a distância entre a seiva profunda e a casca, entre a folha e a raiz, Você está a tresvariar, tudo quanto menciona está ligado entre si, aí não há nenhuma solidão, Deixemos a árvore, olhe para dentro de si e veja a solidão, Como disse o outro, solitário andar por entre a gente, Pior do que isso, solitário estar onde nem nós próprios estamos. (SARAMAGO, 2011, p. 249-250).

É possível verificar um diálogo da assertiva acima com a interessante visão acerca da solidão do teólogo alemão Paul Tillich, expressa em sua dicotomia entre solidão e solidude: “A linguagem criou a palavra solidão para expressar a dor de estar sozinho. E criou a palavra solidude para expressar a glória de estar sozinho” (TILLICH apud SOUZA, 2014, p. 2). Por solidude, afirma Silva (2002), Tillich denomina “[...] este exercício de preservação de nossa unidade.” (p. 85), a fim de aproveitar elementos presentes na solidão tais como o silêncio, a transcendentalidade, o autocentramento, equilíbrio e, como vemos na arte de modo geral, a reflexão criadora.

“As obras de arte são de uma infinita solidão [...]” (RILKE, 2001, p. 36), que se modelam



no sentimento e em que, num certo momento da vida, fora da pragmática social, o poeta (daqueles e destes tempos) aliena-se (in)voluntariamente e sente os estados de alma comuns à ordem social vigente. Esses estados de alma são latentes, mas a vida moderna, com sua inabável velocidade, prefere tratá-los como “esquizofrenias” sensíveis. Melancolia, solidão, loucura, incompatibilidade e outras sensações que experenciam o artista ou qualquer ser humano provocam a contemplação de paisagens exteriores/interiores, cuja potência se cultiva na solidão. Embora sejam compartilhados, na solidão tais sentimentos têm uma pregnância maior, pois no fundo quem os possui reconhece não haver par nesse mundo com quem possa compartilhá-los.

Um título condizente com a solidão, surgido no final do século XIX, na literatura portuguesa, é o livro intitulado *Só* de António Nobre, cuja poética expressa os estados de alma de sofrimento, tristeza, saudade, ausência, morte etc.; embora inserido na estética simbolista, Nobre configura uma visão de vida e de arte próxima do decadentismo finissecular. Um romântico nacionalista convalescente que sofre porque o mundo, sempre novo, jamais se esgota. António Nobre é o primeiro artista português a sentir horror ao senso prático da vida, sobretudo porque a vida aprofunda a solidão, a angústia, a tristeza. Num mundo mecânico e racionalista, as explicações sobre o interior do homem, a convalescença da alma, não respondem definitivamente à dor humana. Por isso, segundo Peyre, “A literatura simbolista dos dois últimos decênios do século XIX prezou tudo o que era langor, cansaço de viver, isolamento de um público que ela queria manter afastado de seus arcanos, oposição à civilização tecnológica acusada de materialista” (PEYRE, 1983, p. 65).

Da solidão, terreno onde não existe ausência, mas onde a ausência é sentida pela não correspondência dos sentimentos, o poeta retira o componente para sua obra:

.....*Só!*
Ai do Lusíada, coitado,
Que vem de tão longe, coberto de pó
Que não ama, nem é amado,
Lugúbre Outono, no mês d’Abril! (NOBRE, 2009, p. 73).

É na reflexão sobre o cenário estético-existencial de António Nobre, cuja arquitetura e engenharia estruturam-se num isolacionismo, que emerge o escopo deste trabalho, a saber: O de investigar como a poética de Nobre, em especial sua obra-prima *Só* (2009), funda-se em uma espécie de solidão povoada. Isto, em contraposição à solidão essencial. As noções de “povoamento” e “essencialidade” são vistas aqui em um movimento dialógico com Bakhtin e o

Círculo (BAKHTIN, 2010; 2011; VOLOCHÍNOV, 2013; 2017), de um lado, e Blanchot (2011) e Rilke (2001) de outro. Como veremos, o contato com os elementos biográficos e com o fazer e a prática poética de António Nobre, paradoxalmente, confluem “solidão” e “relação”, o que sintetizamos como solidão povoada. Em uma leitura bakhtiniana: solidão exotópica e cronotopicamente situada; uma singularidade (solitária) poeticamente conjugada/ forjada no/com o alteritário.

2 Só: A Essência da Solidão

O surgimento da obra *Só*, no final do século XIX, teve uma boa recepção nos círculos literários portugueses, os quais viam em António Nobre um herdeiro de Almeida Garrett e de fontes populares da tradição lusitana. O título da obra, de alguma maneira, sugere o caráter do livro, que apresenta uma confissão sentimental em 1ª pessoa. Saudade, tristeza, melancolia, tédio, ausência, solidão - estes são os sentimentos mais significativos em cada página. No entanto, percebe-se que a solidão se tornou um dos eixos primordiais na poética de António Nobre, haja vista que o solipsismo determinou a relação entre vida e arte, como fonte da escrita.

Em *Só*, percebe-se uma linguagem romântica, com matiz popular, e um sentimentalismo exacerbado, sendo avaliada pela crítica sob duas perspectivas: uma romântica e outra simbolista:

Para alguns, é um livro neogarrettiano e, portanto, neorromântico. Esses veem ali um sentimento saudosista, que acaba por redundar numa forte idealização da pátria e da infância, empregando uma linguagem coloquial, espontânea, além de recorrer a uma dramaticidade exacerbada. [...] Já outros consideram o *Só* um livro simbolista, vendo nos aspectos ditos neorromânticos acima descritos, uma apropriação nobriana, uma forma de desenvolver a sua maneira a poética simbolista. Tal estratégia [...] ressaltaria a ironia e a crítica latente em seus versos, bem como, do ponto de vista estético-formal, a musicalidade presente nos seus poemas.” (NOBRE, 2009, p. 34).

O grande tema da obra nobreana é a solidão. Um dos criadores modernos que considerou a problemática da solidão foi o contemporâneo de Nobre, poeta austríaco, Rainer Maria Rilke (1875-1926). Sua obra *Cartas a um Jovem Poeta* (2001) exemplifica sua poética existencialista/metafísica em que estabelece uma reflexão acerca do trabalho artístico como fonte de experiência e conhecimento interior, que emerge da alma do artista. As cartas enviadas por Rilke, naquela altura um poeta já importante no círculo literário alemão, a Franz Xavier

Kappus, jovem artista em busca de juízo de valores acerca dos seus versos, tornou-se uma das obras mais profundas do século, pela densidade como o autor dos “Sonetos a Orfeu” trata da criação artística.

Imbuído de um espírito livre, para quem a arte é um sacerdócio íntimo, segundo Rilke (2001), o artista deve ter um autoconhecimento e buscar a si próprio. Na psicologia junguiana, há um conceito que se aproxima da ideia do poeta: é o conceito individuação¹, ou seja, tornar-se aquilo que é, por meio do autoconhecimento, eis a grande obra do ser humano, descobrindo em si o mundo verdadeiro, singular e grandioso de sua alma.

O desenvolvimento do artista, na visão rilkeana, ocorre pelo exercício da solidão, pela proximidade com a natureza, pelo aprofundamento do sujeito em si mesmo, que, inevitavelmente, possui um mundo no seu íntimo. Somente entrando nesse mundo, o artista tem a sinceridade para criar; e, desta maneira, cumprir o seu desígnio, abstendo-se da vida. Os conselhos de Rilke ao jovem poeta Kappus ultrapassam a relação entre ambos e se perpetuam como um pensamento que deve ser feito por todo jovem poeta em formação:

Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever, examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? Isto, acima de tudo, pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: Sou mesmo forçado a escrever? Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa, se puder contestar àquela pergunta severa por um forte e simples “sou”, então construa a sua vida de acordo com essa necessidade. Sua vida, até em sua hora mais indiferente e anódina, deverá tornar-se o sinal e o testemunho de tal pressão. Aproxime-se então da natureza. Depois procure, como se fosse o primeiro homem, dizer o que vê, vive, ama e perde. (RILKE, 2001, p. 26-27).

A condição para que consolide a arte está na vivência fundamental do humano, no trabalho vagaroso da leitura de obras que ampliem a vida. Em que consiste a miserabilidade do ser humano, em horas de interminável solidão? Para Rilke, consiste na descoberta do ser, da sua vida verdadeira. Isso a arte demonstra e o leitor reconhece paulatinamente. A solidão é a substância essencial da arte, a fonte inesgotável da poesia. Substância inerente da existência,

¹Para Carl Gustav Jung: “A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. Com isto não se torna egoísta, no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente do egoísmo ou do individualismo” (JUNG, 2007, p. 50).

que está no início e no fim.

As “Cartas a um Jovem Poeta” são um documento sensível em que um mestre aconselha ao jovem a prosseguir no caminho da arte. Não há caminho semelhante que será percorrido entre ambos: cada um encontrará a si próprio durante a caminhada. E, por fim, vale mais a singularidade do artista em seguir os seus instintos do que modos estabelecidos. O sentido essencial do talento artístico, juntamente com a aprendizagem da alma, demonstra que, para o bardo alemão, a arte possui os seus eleitos; assim, o artista, cuja sensibilidade é superior aos demais, afasta-se da sociedade, para seguir a sua estrada. Dessa forma, Rilke afirma o caráter romântico da sua visão criativa, que se afasta, sobretudo, da realidade social, evidenciando uma arte aristocrática:

Por isso, caro senhor, ame a sua solidão e carregue com queixas harmoniosas a dor que ela lhe causa. Diz que os que sente próximos estão longe. Isso mostra que começa a fazer-se espaço em redor de si. Se o próximo lhe parece longe, os seus longes alcançam as estrelas, são imensos. Alegre-se com essa imensidade, para a qual não pode carregar ninguém consigo. Seja bom para com os que ficarem atrás, mostre-se-lhes calmo e sereno sem os atormentar com suas dúvidas, nem os assustar com uma confiança ou uma alegria que eles não poderão compreender. (RILKE, 2001, p. 45-46).

Rilke, portanto, estabelece a vital centralidade da solidão do artista para a criação. O seu posicionamento tem profunda relação com a estética romântica, e, por sua vez, de modo conclusivo, com a estética simbolista, de quem o poeta foi bastante admirador, principalmente da poesia de Stéphane Mallarmé. No entanto, é importante salientar que, embora tenha influências do simbolismo francês, ele traça uma poética em que a arte é uma missão criadora, missão em que se centra uma visão essencial do mundo, das relações entre homem e natureza, bem como do próprio fazer poético.

Outra visão reflexiva acerca da solidão é a de Maurice Blanchot, filósofo e crítico literário do século XX. Para ele, há uma solidão essencial da obra, que lhe é peculiar, inerente. Na poesia de António Nobre, desde o título, percebe-se uma ode à solidão. Já nos primeiros versos o poeta afirma que é “[...] o livro mais triste que há em Portugal.” (NOBRE, 2009, p. 52), onde as páginas estão, por assim dizer, cheias de lágrimas da saudade e da melancolia. Estes sentimentos, na voz do sujeito lírico, comunicam um afastamento do mundo, uma interioridade dos versos, uma solidão essencial, segundo Maurice Blanchot (BLANCHOT, 2011, p. 11).

Solidão não do artista, mas da obra, cuja força está na capacidade de apenas ser. A obra “é”, na reflexão de Blanchot, e se concretiza na ausência assertiva de acabamento ou de inacabamento. Por este ângulo, o livro Só citado acima se redimensiona em virtude desta ausência, tocada, na leitura, pela vitalidade inerente do passado. A solidão da obra exige a solidão do leitor. Aí reside certo perigo, haja vista que, como disse Fernando Pessoa, “Antônio Nobre foi a face que olha para o Passado, e se entristece” (PESSOA, 1980, p. 115). Na saudade há uma companhia temerária - a solidão. Eis o que a obra oferece, além do “ser” infinitamente ou da sublime feição das palavras, um estado de alma, uma indiferença ao mundo do qual emerge. Para Blanchot: A obra é solitária: isso não significa que ela seja incomunicável; que lhe falte o leitor. Mas quem a lê entra nessa afirmação da solidão da obra, tal como aquele que a escreve pertence ao risco dessa solidão. (2011, p. 12-13).

Estende-se, para além da obra, por meio dela somente, como se toda leitura fulgurasse no vazio existencial, enchendo-o de paisagens e de sentimentos. O canto inumano das sereias é a poesia. Um ruído solitário, ecoando na terra. Um ruído audível repercutindo na alma humana o fardo da incompreensão que o belo possui. (BLANCHOT, 2013).

A música do poeta possui esta dádiva, a da beleza, a da incompreensão. E quando se expressa confirma a inabável solidão da obra, de tal modo que a realidade se diminui perante os estados de alma. A poesia também é a voz do sentimento! Aquilo que o ser humano não é capaz de falar, mas de sentir na alma ou no coração. Como as sereias, os humanos cantam para suspender a vida, apartar-se da realidade, permanecendo ausente na sua própria voz. E se expressam a partir do “ele” e não do “eu”, - eis a solidão que sobrevém ao escritor por intermédio da obra (BLANCHOT, 2011, p. 19), a ausência de si, a presença do “outro”, dos “outros”. Em Antônio Nobre existe a presença da natureza, dos tipos populares, de Portugal, de pessoas queridas... Sua voz se afirma povoada de sentidos, de outras vozes, de tempos e espaços.

As referidas solidões, tanto a solidão do artista em Rilke, como a solidão da obra em Blanchot dialogam entre si por tratar da mesma temática. Além disso, apontam para a reflexão entre sujeito (artista) e objeto (obra). Não se pode deixar de apontar as diferenças entre as posições de Rilke, Blanchot e Bakhtin, que se contrapõem à questão da criação artística, das relações do sujeito com a realidade, da reflexão humana sob uma ótica filosófica, problematizando o valor individual e coletivo da obra de arte. De fato, como refletiremos a seguir, a solidão transcende os limites da individualidade e da obra, confirmando, assim, a presença inescapável da alteridade nas relações humanas: uma solidão povoada.

3 Só: A Povoada Solidão

Diferentemente da visão autocentrada e isolacionista de Blanchot, dirimida na reflexão acerca da Solidão Essencial, a visão presente na teoria dialógica do Círculo e de Bakhtin propõe uma subjetividade, tanto no nível estético como no existencial, vitalmente alteritária: uma solidão povoada, pois “O homem existe em realidade nas formas do *eu* e do *outro*.” (BAKHTIN, 2010, p. 349). Essa filosofia da linguagem fundada no diálogo, e produtora de uma espécie de Filosofia da Reciprocidade, extrapola os limites da análise do texto. Para o teórico russo a vida “[...] é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo [...]. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com a vida toda [...] Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.” (BAKHTIN, 2011, p. 348). E essa “Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana” (BAKHTIN, 2011, p. 348) também, obviamente, constitui e se exprime no fazer artístico. Haja vista que “Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade.” (BAKHTIN, 2011, p. XXXIII).

Por conseguinte, não há espaço para a monologia, mesmo no campo da criação literária, na perspectiva bakhtiniana. Tampouco, para a egolatria do ser, em si mesmo fechado, constituído somente pela sombra do seu cadáver. O mais puro e solitário distanciamento da realidade e do convívio social é, tal qual os enunciados concretos, um elo na cadeia dialógica da comunicação humana. Uma vez que “O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu *auditório social* estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc.” (VOLOCHINOV, 2017, p. 205). Ainda em sua crítica à tendência do pensamento filosófico-linguístico denominada *subjetivismo idealista*, Volochínov afirma: “É possível dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas nosso mundo interior que se adapta às possibilidades da nossa expressão e aos seus possíveis caminhos e direções.” (2017, p. 213). Ao erigirem a palavra enunciada como orientada para “o outro”, Bakhtin e os demais teóricos do Círculo estabelecem que o “[...] *centro*

organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo.” (2017, p. 216, grifos do autor).

O que nos implica julgar a solidão como uma resposta, uma solidão povoada de sentidos outros. Em *Só*, o leitor encontra essa mundividência macroscópica da solidão, pois a voz lírica reflete e refrata em seu sentimento a presença do mundo. Antônio Nobre valoriza a escuta, que se consubstancia na sua voz, em que ressoa a voz alheia: Manoel, Carlota, Alberto de Oliveira etc. A possibilidade da escuta, “A audibilidade [...] é uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, entendida, respondida [...] e assim *ad infinitum*. Ela entra no diálogo [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 334). A criação de uma obra de arte está constituída do exterior, de tal maneira que o artista não exprime somente a percepção do subjetivo: a visão do sujeito se amplia de outras subjetividades, por isso a sua linguagem é a linguagem social, unida ao seu tom peculiar:

Nobre foi um poeta que soube incorporar magistralmente a oralidade, a coloquialidade e a naturalidade da fala cotidiana no discurso poético, que soube combinar aqueles elementos e as opções estéticas popularmente utilizadas com a erudição, a pompa e o inusitado de alguns metros [...] (FERNANDES, 1996, p. 120).

Augusto Ponzio explica, com Bakhtin, que “A escuta é a [...] arte da palavra, o seu fazer, o seu ofício, a sua atitude, a sua prerrogativa, o seu peculiar modo de ser. [assim] O pior mal que pode acontecer à palavra é a ausência da escuta, a ausência de interlocutor [...]” (PONZIO, 2012, p. 252). O autor segue explicando que por “ausência da escuta” não entende o *calar* que ao seu ver é “[...] exatamente a condição da escuta, acima de tudo quando assume a forma de expressão literária.” (PONZIO, 2012, p. 252), mas sim o *silenciar*, essencialmente inerte e não responsivo. De modo que, na escritura, a solidão talvez seja uma maneira de manejar com maestria o sentido. Nesta *escuta criadora* vicejam os elementos vitais da arte literária. Ao “distanciar-se” o escritor dinamiza sua relação com o mundo exteriorizando-a como mecanismo de criação. Para dele (do mundo), e de sua relação com ele (o mundo) e consigo mesmo (no mundo), expressar em arte literária seus sentimentos, suas emoções.

Em suas deambulações existenciais, o outro é a maior necessidade do homem pois a “eudade” é o reflexo da “outridade”, ou seja, cada um é o que o outro vê. “Não posso me conhecer salvo por intermédio do outro” [...] pois o outro é o mediador entre mim e mim mesmo. (SARTRE, 1997, p. 290 apud SILVA, 2000, p. 87).

A escuta é o centro nervoso do diálogo, o núcleo fundamental de todo dizer, de todos os sentidos, pois nada é dito para não ser ouvido, como também nenhuma obra, para Bakhtin e o Círculo, possui uma solidão essencial. Nada na esfera humana é não indiferente, uma vez que existe sempre uma relação “com”. A música precisa ser ouvida, o quadro deve ser mirado, a poesia deve ser refletida – enfim toda arte é uma confissão individual, solitária, cujo nascedouro é uma fonte infundável de alteridades, de sentidos outros, que povoam tal solidão.

Esta visão acerca do trabalho artístico não deturpa a face decadente, melancólica, triste, já pronunciada acerca da solidão – tanto na vida social como na esfera da arte. Ela, em verdade, instaura a solidão em seu real lugar de origem (dialógico, povoado), pois “Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 316).

Ponzio, ao refletir sobre a infuncionalidade da palavra literária, argumenta que:

A palavra literária oferece a possibilidade de entender a plena estrutura dialógica da palavra, que observado a partir de um ponto de vista externo à literatura, é entendida apenas de maneira superficial e monótona. [...] A palavra da escritura literária sai do contexto limitado da orientação predominantemente monológica, segundo a qual é empregada em relação ao seu objeto, à sua função e aos fins restritos dos indivíduos que a empregam [...] Por isso, a complexidade do diálogo da palavra viva pode ser melhor estudada na configuração literária da palavra e na sua dialogização interna. (PONZIO, 2010b, p. 61-62).

Na literatura, a palavra esvaziada, dita mil vezes, amplia a sua infinidade em dizer: ela atinge os ouvidos soberanos, destruindo a ausência. A palavra que ama a solidão, ao mesmo tempo contraria a pose orgulhosa da mesma, mostrando a impossibilidade de vazio. Este fascínio há na obra que se pretende ler, há na arte que se ramifica aos olhos dos leitores. E é desta compreensão de uma atmosfera de subjetividades cultivadas na alteridade que propomos (re)ler a obra de António Nobre como proveniente de uma solidão povoada.

4 A Povoada Solidão na poesia de António Nobre

É certo que o sentimentalismo da poesia de António Nobre, centrado na posição do “eu”, seja uma questão inicial para a problemática da solidão, que, de certa maneira, foi um mote da estética simbolista/decadentista do século XIX. Dessa maneira, a nossa reflexão questiona os

valores intrínsecos da criação artística, cujo princípio reside no subjetivismo das sensações, como se acredita no terreno da análise literária. Em António Nobre, a solidão povoa-se da consciência subjetiva de ser/estar no mundo, sendo alimentada pelas experiências com a memória, isto é, com a saudade. Este é o outro aspecto que está concentrado na solidão:

É na expressão da saudade, modo bem português de referir a ausência, que se alicerça o *Só*. É por isso que o poeta povoa o seu mundo interior de vozes e presenças. Ele é que as orchestra: ora interpelando-as, ora passando simplesmente a recordá-las, ora dando-lhes directamente a palavra. Deste modo, a dimensão polifónica que confere aos seus versos tende a combater o sentimento de solidão e o peso da ausência, através de uma procura constante de proximidade com um ambiente distante. A oralidade e a familiaridade tornam-se por isso duas constantes na sua obra, como uma tentativa de “matar a saudade” e preencher a ausência que provocou a separação. (ALMEIDA, 2005, p. 101).

O pensador russo Mikhail Bakhtin problematiza que toda interação humana de linguagem se concretiza na relação estabelecida entre o “eu” e o “outro”. O sentido, portanto, ocorre, como ato responsivo e irrepitível, no momento da materialização linguística do enunciado, que espelha, fundamentalmente, o “querer dizer” e “a escuta”. Todo valor comunicativo concentra o povoamento de construções signíficas próprias e alheias, teia semiótica do discurso, que se estende ao infinito e ao além.

Em arte, embora o carácter ficcional tenha predominância, a palavra do artista nunca está desvinculada da realidade, emerge, como uma ilha, de um ilimitado oceano discursivo (VOLOCHINOV, 2017, p. 221), tendo a vivência primeira na vida concreta. Visto que “A inspiração que ignora a vida e é ela mesma ignorada pela vida não é inspiração mas obsessão.” (BAKHTIN, 2011, p. XXXIV). Por isso toda obra de arte (solidão interior) configura-se na vida (presença exterior), como a obra *Só* de António Nobre, que, ao mesmo tempo, povoa a solidão do sujeito lírico com os elementos do mundo: o ser humano, os livros, as lembranças, a terra portuguesa, enfim, tudo. Para Guilherme de Castilho, “O *Só* é fundamentalmente o livro da desilusão dolorida, da saudade irrevogável das coisas e dos seres que haviam sido alimento de um passado em que o poeta se tinha sentido ou julgado feliz” (CASTILHO, 1988, p. 18 apud MATOS, 2014, p. 29).

Para além da memória individual, há na obra a memória coletiva, exaltada de gente, de cores, de luz, de melancolia e de saudade. Desta maneira, a solidão essencial é um ponto inatingível, pois sua paisagem não se constitui de ausências e vazios, a imagem do verdadeiro deserto, e sim de presenças ou concretudes, mesmo lembradas na lembrança. Em “Viagens à

minha Terra”, exemplifica-se nossa reflexão:

Viagens à minha Terra

Às vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos nestas braseiras,
Sonhando o tempo que lá vai;
E jornadaio em fantasia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pai.

Que pitoresca era a jornada!
Logo, ao subir da madrugada,
Prontos os dois para partir:
- Adeus! adeus! é curta a ausência,
Adeus! - rodava a diligência
Com campainhas a tinir!

E, dia e noite, aurora a aurora,
Por essa doida terra fora,
Cheia de Cor, de Luz, de Som,
Habitado à minha alcova
Em tudo eu via coisa nova,
Que bom era, meu Deus! que bom!
[...]

Ora, às ocultas, eu trazia,
No seio, um livro e lia, lia,
Garrett da minha paixão...
Daí a pouco a mesma reza:
- Não vás dormir de luz acesa,
Apaga a luz!... (E eu ainda... não!)

E continuava, lendo, lendo...
O dia vinha já rompendo,
De novo: — Já dormes, diz?
- Bff!... e dormia com a ideia
Naquela tia Doroteia,
De que fala Júlio Dinis.

Ó Portugal da minha infância,
Não sei que é, amo-te a distância,
Amo-te mais, quando estou só...
Qual de vós não teve na Vida
Uma jornada parecida,
Ou assim, como eu, uma Avó?
(NOBRE, 2009, p. 121-127).

O campo da memória do sujeito lírico revive o passado: “E jornadaio em fantasias/Essas jornadas que eu fazia/Ao velho Douro, mais meu Pai”. Esse passado, embora vivido na ausência

e na solidão do presente, povoa-se de natureza, de seres humanos, de palavras, de Portugal, jamais possui o vazio definitivo. A solidão do sujeito tem a presença de outrora: “E dia e noite, aurora a aurora,/Por essa doida terra fora/Cheia de Cor, de Luz, de Som” (NOBRE, 2009, p. 121). Em si mesmo, a ausência resplandece em pregnância com estes elementos – Luz, Cor e Som; e também em pregnância com os autores e as obras, por exemplo, Garrett e Júlio Dinis, os quais estão com o sujeito lírico: “Ora, às ocultas, eu trazia/No seio, um livro e lia, lia/Garrett da minha paixão” (NOBRE, 2009, p. 127).

Para Bakhtin, “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 379), de forma que “[...] em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas” (BAKHTIN, 2011, p. 409-410), como a voz ressoante da gente portuguesa, dos ambientes naturais, de Garrett ou Júlio Dinis, no passado do sujeito lírico de António Nobre.

Viagens à minha Terra é um poema de Nobre inspirado em prosa homônima de Almeida Garrett, introdutor do romantismo em Portugal, que se notabilizou pela renovação estética e pela atuação política. Em António Nobre, a solidão amplia o ser - aquele que emite o tom elegíaco e nostálgico - de modo que os seus estados de alma jamais nulificam o humano. Se Rilke acredita que a experiência estética do artista deve ocorrer na solidão, para Bakhtin a solidão jamais fecha o ser humano no claustro da sua própria vida: ela existe no seu povoamento interno/externo do movimento orgânico e cultural da realidade. A solidão carrega, em si, o peso de tudo; como a literatura, em seu bojo, traz as experiências do mundo da cultura e do mundo social:

A literatura é parte inalienável da integridade da cultura, ela não pode ser estudada fora do contexto integral da cultura. Não pode ser separada do restante da cultura e correlacionada imediatamente (passando por cima da cultura) com fatores socioeconômicos e outros. Esses fatores agem sobre a cultura em sua integridade, e só através dela, e com ela sobre a literatura. O processo literário é parte inalienável do processo cultural. (BAKHTIN, 2011, p. 375-376).

Além de ser parte integrante da cultura, pode-se afirmar certamente que a palavra da arte se origina da palavra da vida, cuja força de uso, ao invés de expressar a saturação do repetível, valida-se sempre como um evento único e renovador. E, de forma peculiar, na literatura o sentido imprime a sua face jovem, pois, segundo Volochínov, “[...] o poeta [...] não escolhe suas palavras de um dicionário, mas do contexto da vida no qual as palavras se sedimentam e se impregnam de valorações [...]” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 88).

Saudades

Saudade, saudade! palavra tão triste,
E ouvi-la faz bem:
Meu caro Garrett, tu bem na sentiste,
Melhor que ninguém!

Saudades da virgem de ao pé do Mondego,
Saudades de tudo:
Ouvi-las caindo da boca dum Cego,
Dos olhos dum Mudo!

Saudades de Aquela que, cheia de linhas,
De agulha e dedal,
Eu vejo bordando Galeões e andorinhas
No seu enxoval.

Saudades! e canta, na Torre deu a hora
Da sua novena:
Olhai-a! dá ares de Nossa Senhora,
Quando era pequena.

[...]

« Perfil de Teresa, velado na capa,
Lá passa por mim:
Ó noites da Estrada, tardinhas da Lapa,
Choupal! e Jardim!

« Cabelos caídos, a cara de cera,
Os olhos ao fundo!
E a voz de Virgílio, docinha que ela era,
Não é deste Mundo!

« Saudades, saudades! Que valem as rezas,
Que serve pedir!
No altar continuam as velas acesas,
Mas ele sem vir!

« Já choupos nasceram, já choupos cresceram,
Estou tão crescida!
Já choupos morreram, já outros nasceram ...
Como é curta a Vida!

[...]

(NOBRE, 2009, p. 117-119).

O sentimento da ausência na palavra saudade imprime toda a atmosfera de solidão presente no poema. A repetição – “Saudade, saudade” – na maioria dos versos confirma o sentimento de melancolia genuinamente português. Este sentimento, descrito num poema de Fernando Pessoa, afirma que: O português é saudades./Porque só as sente bem/Quem tem aquela palavra/Para dizer que as tem (PESSOA, 2007, p. 372). A “saudade”, portanto, constitui o

sentimento do lusitanismo, sendo, além de palavra, ausência sentida, pois ela entranha-se de vida passada, substancialmente vivida. Em António Nobre, o isolamento do sujeito lírico frente à vida presente (a existência solitária) tem na lembrança o seu povoamento: portanto, solidão povoada – “Saudade d’Aquele que, cheia de linhas,/De agulha e dedal,/Eu vejo bordando galeões e andorinhas/No seu enxoval” (NOBRE, 2009, p. 117).

A criatividade artística, portanto, impulsiona-se na solidão, mas se concretiza na alteridade do sentimento solitário. O que há de verdadeiro na criatividade é este poder ficcional, que reaparece como o sonho vivido no mundo. A realidade exterior emerge do fundo das lembranças: “Ó noites da estrada, tardinhas da Lapa,/Choupal! e Jardim” (NOBRE, 2009, p. 119). A solidão do sujeito lírico povoa-se de amores, paisagens, sentimentos, imagens, pessoas etc., indo além do espectro recordativo, sendo revivido novamente por meio da arte. Citando o biógrafo Guilherme de Castilho, Fernandes afirma que o mundo poético de António Nobre constitui-se através da mitificação de si mesmo - evidente na sua "transformação" em Anto -, das pessoas, coisas e lugares que o cercavam. Assim, o *Só* seria composto com base nesse mundo mitológico criado pelo poeta a partir de seu universo, mas seria, principalmente, a consciência do desmoronamento, causado pela estadia do poeta na capital francesa [...] (1996, p. 26).

Longe da pátria, a saudade acometeu o poeta, que vivia no seu universo íntimo, relembrando a vida passada em Portugal. Por isso, a sua escritura imprime uma solidão povoada, sendo a fonte do processo artístico. Mesmo em horas de interminável solidão, o poeta se enclausura em si, mas se abre para os objetos íntimos da natureza. Não há presença maior neste momento, toda a sua magnitude ocorre da experiência do vivido, da maravilha do sonhado. Mikhail Bakhtin reconhece que, na arte, o ético se perpetua no estético, a vida se entrelaça na arte, porquanto “Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (BAKHTIN, 2011, p. XXXIV).

Que solidão existe na intimidade da lembrança? Pode-se reconhecer que o horizonte extra-artístico, como reflete Bakhtin, possibilita o encontro entre vida e arte. A saudade, na poesia de António Nobre, consolida uma experiência de vida, emoldurada pelo poético – um retrato na parede em que o sujeito lírico se achava solitário, junto a suas lembranças, mas que, em verdade, encontrava-se na companhia de tudo. Essa reflexão nos permite compreender que, embora houvesse o desejo de evasão característico da literatura romântica, os elementos do exterior que constituem o interior do ser humano estão presentes nas palavras do poeta, com enorme sentimento.

Sentimento de saudade, de tristeza, de solidão, de tédio, de ausência, de dor. Todo o sentimento possui a abundância da vida, tem uma causa exterior. Não é prenhe de vazio, como acreditam os niilistas. O sentimento consolida a nossa fundamental estranheza humana, de quem viveu incapacitado de pertencer ao mundo objetivo. Como estados de alma, cada sentimento prolifera de modo peculiar no íntimo, estende-se como uma paisagem que cresce ininterruptamente. Essa capacidade de sentir a vida, apesar de todas as suas agruras, causa ao sujeito lírico um sentimento de *spleen* e inadaptação, que o leva a desejar a morte, a reconhecer o outro lado, além das fronteiras existenciais. Segundo Fernandes, que ilustra na voz de Guilherme de Castilho:

[...] a Morte, tema obsessivo do *Só*, apresenta-se nesta coletânea sob a dimensão mítica, em virtude de ser considerada como passagem ou viagem, pois, apesar de constituir trânsito do mundo profano para o espaço sagrado, não implica destruição nem desvinculação das vivências do quotidiano [...] (CASTILHO, 1992, p. 45 apud FERNANDES, 1996, p. 28).

No último poema do livro *Só*, as questões essenciais do sentimentalismo de António Nobre foram cultivadas para, de certa maneira, expressar a percepção do sujeito frente ao seu mundo. Esse mundo é povoado de sensações contrárias – experiências vividas e sonhadas, ódio e amor, tristeza e alegria, todas as paixões da sua alma. Mais abaixo um fragmento do poema:

Males de Anto
A ares numa aldeia

Quando cheguei, aqui, Santo Deus! como eu vinha!
Nem mesmo sei dizer que doença era a minha,
Porque eram todas, eu sei lá! desde o Ódio ao Tédio.
Moléstias d'alma para as quais não há remédio.
Nada compunha! Nada, nada. Que tormento!
Dir-se-ia acaso que perdera o meu talento:
No entanto, às vezes, os meus nervos gastos, velhos,
Convulsionavam-nos relâmpagos vermelhos,
Que eram, bem o sentia, instantes de Camões!
Sei de cor e salteado as minhas aflições: [...]

E mais adiante (ainda me lembro: num atalho,
Ao pé da fonte) havia um monte de cascalho
Com uma Cruz de pau, braços ao Sul e ao Norte,
Para mostrar que, ali, se fizera uma morte:
Ora (é um costume) quando alguém vai de longada,
Ao ver aquela Cruz, que parece uma espada,
Deita uma pedra: cada pedra é uma oração.
Oh raras orações, nunca se calam, não!

Perpetuamente, lá ficam os Padre-Nossos,
Rezas de pedra, a orar, a orar por esses ossos!...
Eu, como os mais, deitava uma pedra, também,
Dizendo para mim: “se me matasse alguém...”
Mas eu seguia o meu passeio, estrada fora,
E ninguém me matava... [...]
Mais adiante, encontrava a mulher do moleiro,
Que ia o cântaro encher à Fonte do Salgueiro,
Lindos cabelos empoeirados de farinha:
Era uma flor, mas parecia uma velhinha...
- Vai melhorzinho? - Assim... vou indo, vou melhor...
- Pois seja pelas cinco chagas do Senhor...

E um pouco mais além, no lugar do Casal,
Numa casa de colmo, assentado ao portal,
Estava um cego, e a fiar ao lado estava a mãe,
E mal sentia, ao longe as passadas de alguém,
Clamava em sua voz vibrante de ceguinho:
“Meu nobre senhor! olhe este desgraçadinho!”
Ai de mim! ai de mim! como não vê quem passa,
É que chama a atenção para a sua desgraça!
[...]
(NOBRE, 2009, p. 247-252).

Em *Males de Anto*, o sujeito lírico confessa todas as suas dores – ódio e tédio – que sente pelo mundo, devido a sua posição de poeta, pois este absorve exotopicamente as agruras alheias, ao contrário do gênio poético fadado com engenho e arte, em si há instantes de Camões, que o faz escrever e expressar-se singularmente. António Nobre se reconhece na voz do sujeito lírico, como um poeta menor, que sente a vida de maneira esquizoide.

Os versos iniciais apontam que o sofrimento, a vontade de permanecer sozinho, o cultivo à angústia e à tristeza definem o lirismo do poeta. Ele é um herdeiro de Almeida Garrett justamente pelo sentimentalismo lusitano, o qual está presente na sua obra poética, e que, na primeira leitura, percebe-se no poema *Males de Anto*. Mas há algo maior, que justifica toda sua produção poética, mesmo em *Despedidas e Primeiros Versos* – a solidão. António Nobre é um solitário por natureza, que ama a sua solidão. (FERNANDES, 1996).

Nela, na solidão, continuam as pequenas recordações, o pavor frente ao desejo de vazio: o solitário na voz de Nobre contempla a beleza do mundo, experencia a terrível emoção do sofrimento, jamais está essencialmente sozinho – sua presença é cheia da presença do outro. Numa parte do poema, que não está transcrita no excerto acima, o sujeito lírico murmura: “[...] Tomava quase sempre a estrada dos Malheiros,/A nossa casa é ao virar mesmo da estrada,/Onde perpassam os aldeões na caminhada [...]” (NOBRE, 2009, p. 251).

E, triste, em sua inevitável solidão, a voz daquele que dita os seus males se constitui na voz da gente simples, que o interpela como está de saúde, que o deseja bem para que fique melhor: “Mais adiante, encontrava a mulher do moleiro,/Que ia o cântaro encher à Fonte do Salgueiro [...]/- Vai melhorzinho? – Assim...vou indo, vou melhor.../- Pois seja pelas Cinco Chagas do Senhor” (NOBRE, 2009, p. 252). Essa efusão de gente, sentimentos, arte e natureza configuram toda a poesia nobreana. Como foi dito anteriormente, a solidão recebe a perene substância da memória, de modo que memória e vida se conjugam na estética nobreana.

Para Bakhtin:

A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro). Para cada indivíduo, essa desintegração de todo o expresso na palavra em um pequeno mundinho das suas palavras (sentidas como suas) e o imenso e infinito mundo das palavras do outro são o fato primário da consciência humana e da vida humana, que, como tudo o que é primário e natural, até hoje tem sido pouco estudado (conscientizado), pelo menos não foi conscientizado em seu imenso significado essencial. (BAKHTIN, 2011, p. 379).

O outro povoa a solidão de António. Em 1ª pessoa, ele confessa o seu desejo pelo deserto, a sua afirmação de saudade, mas também a sua integração com Portugal – cheia de Cor, de Luz, de Som. Nacionalista, em Nobre a pátria se ilumina, a língua portuguesa encontra a sua fala na fala do povo simples, que vive na humildade dos casebres. Pela linguagem, pela memória, pela existência, o leitor descobre que havia muito de solitário na sua personalidade. No entanto, o poeta solitário, na vida exterior, não concretizou a solidão essencial na obra: Só carrega a paisagem abundante de beleza, a lembrança dos Choupos e da noite enluarada, o trabalho dos poveirinhos, o arrebatamento da alegria, o íntimo familiar, Carlota e toda a gente da família.

“A Carlota! A Carlota!/Boa velhinha como ela é meiga e devota! Já estaria bem, se me valessem rezas./E no oratório tem duas velas acesas/Noite e dia, a clamar à Senhora das Dores” (NOBRE, 2009, p. 255). Neste fragmento, a figura de Carlota, ama e empregada da família Nobre, povoa a solidão do sujeito lírico confessional, que a recorda com sentimento de saudade: Carlota deseja que Anto se cure da tuberculose, da tristeza de viver, do seu inflexível gosto pela morte. O saudosismo retira do escombros o Passado vivido, emerge de maneira singela.

Na ausência, o sujeito lírico enche de lembranças o seu vazio existencial, de modo que, solitário, estão vivas as imagens de outrora. Portanto, os poemas de Nobre, embora possuam o

sentimento da ausência, afirmam a nossa tese de que o humano preenche a sua vida, sobretudo, com o exterior; no caso de António, a sua solidão povoa-se com toda experiência, consolidando a arte com a vida, com a substância do vivido, mas também do sonhado.

Considerações Finais

A solidão essencial (do artista e da obra) abriga-se na alteridade dialógica do grande tempo dos sentidos humanos. “O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro) [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 382). Sob essa perspectiva Só, a “obra mais triste de Portugal” – mais que a tradução de uma postura monástica, anômica e apartada da realidade social – marca a assinatura responsiva, e por isso dialógica, do poeta António Nobre.

De sua clausura romântico-simbolista, no plano estético, o poeta agoniza sua saudade e sofrimento. Na realidade social, goveja um temperamento isolacionista e melancólico. Tal cenário induz-nos a atribuir a Nobre um decadente predicado: a total e irreparável solidão. Tanto na vida, como na arte.

A partir de diálogos com Bakhtin, Blanchot e Rilke não encontramos um Nobre tão distante da escura e inconsolável solidão. Todavia, como em busca não dos atributos, mas da origem e essência de sua solidão, encontramos não a terra arrasada, mas uma solidão fundada e fertilizada na relação babélica com uma palavra outra. Visto que, como preconiza Bakhtin: “Não pode haver ‘sentido em si’ – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele [...] não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está [...] entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir [...] em sua totalidade” (BAKHTIN, 2011, p. 382).

Elencando, sob o prisma da dialogia, as características estéticas e biográficas de Nobre notamos que, tanto na Arte como na Vida, “O momento da atuação do pensamento, do sentimento, da palavra, de uma ação, é precisamente uma disposição minha ativamente responsável – emotivo-volitiva em relação à situação na sua totalidade, no contexto de minha vida real, unitária e singular” (BAKHTIN, 2011, p. 91-92). Trata-se exatamente, como afirma Ponzio no espiral de Lévinas, “[...] da possibilidade de descobrir a identidade no coração da alteridade.” (2010a, p. 15). Em síntese: uma solidão dialogicamente povoada. Em descrição, acompanhamos a reflexão de Lévinas:



Concebe-se a introspecção como o procedimento fundamental do escritor. [...] Acreditamos, ao contrário, que uma visão exterior – de uma exterioridade total, em que o próprio sujeito é exterior a si mesmo – seja a verdadeira visão do escritor. Mesmo o escritor psicólogo vê sua vida interior pelo lado de fora, não necessariamente pelos olhos de um outro, mas como participante de um ritmo ou de um sonho. Todo o poder do romance contemporâneo, sua magia artística, venha talvez dessa maneira de ver do exterior a interioridade, diferenciando-se totalmente [...] (LÉVINAS, 1982, p. 114 apud PONZIO, 2012, p. 191).

Referências

- ALMEIDA, I. M. *O Só de António Nobre e Les Amours jaunes de Tristan Corbière: Poéticas da Ausência*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto. 2005. Dissertação.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal/Mikhail Mikhailovitch Bakhtin*; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Para uma Filosofia do Ato responsável*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BBC BRASIL. Finlandês morre no trabalho e colegas só notam dois dias depois. *BBC Brasil*. 2004. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2004/01/040119_taxmang.shtml> Acesso em: 11 nov. 2018.
- BLANCHOT, M. *O livro por vir/Maurice Blanchot*; tradução Leyla Perrone-Moisés. – 2ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. – (Coleção biblioteca do pensamento moderno)
- BLANCHOT, M. *O espaço literário/Maurice Blanchot*; tradução Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CACIOPPO, J.; CACIOPPO, S. Solidão, uma nova epidemia. *El País*. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/ciencia/1459949778_182740.html> Acesso em: 11 nov. 2018.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FERNANDES, A. *A estrutura dialógica em poemas do Só de António Nobre*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. 1996. Dissertação.
- HAMMOND, C. As pessoas estão cada vez mais solitárias? Confira este e outros 4 mitos sobre a solidão. *BBC BRASIL*. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-43211687>> Acesso em: 11 nov. 2018.
- JUNG, C. *O Eu e o inconsciente*; tradução de Dora Ferreira da Silva. 20ª ed. Petrópolis, Vozes 2007.
- MATOS, F. *António Nobre – Cenografias Autoriais*. Universidade de Aveiro. Departamento de Línguas e Culturas. 2014. Tese.

NOBRE, A. *Só – seguido de Despedidas*/Antônio Nobre; apresentação e notas Annie Gisele Fernandes, Helder Garmes; ilustrações Marcelo Salum. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

NUNES, A. A doença da solidão. *Revista Planeta*. 2015. Disponível em: <<https://www.revistaplaneta.com.br/a-doenca-da-solidao/>> Acesso: 11 nov. 2018.

OLIVEIRA, M. *Poéticas do Encoberto*: Antônio Nobre e Afonso Lopes Vieira. Universidade de Aveiro. Departamento de Línguas e Culturas. Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas Ano 2009/2010.

PESSOA, F. *Textos de Crítica e de Intervenção*. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1980.

PESSOA, F. *Poesia, 1918-1930/Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

PEYRE, Henri. *A literatura simbolista/Henri Peyre*; tradução de Maria Helena Nery Garcez e Maria Clara Rezende Teixeira Constantino. – São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1983.

PONTEVEDRA, S. Mulher é encontrada mumificada em apartamento cinco anos após sua morte. *El País*. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/internacional/1499964274_328538.html> Acesso em: 11 nov. 2018.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução de Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PONZIO, A. *Encontros de Palavras*. O outro no discurso. São Carlos: Pedro & João editores, 2010a.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010b.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte*. Cristóvão Rilke/Rainer Maria Rilke; tradução de Paulo Rónai e Cecília Meireles. – São Paulo: Globo, 2001.

ROCHA, C. Por que o Reino Unido agora tem uma 'ministra da solidão'. *Nexo Jornal*. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/19/Por-que-o-Reino-Unido-agora-tem-uma-%E2%80%98ministra-da-solid%C3%A3o%E2%80%99>> Acesso em: 11 nov. 2018.

SARAMAGO, José. *O Ano da Morte de Ricardo Reis/José Saramago*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SETOR SAÚDE. Os Surpreendentes efeitos da solidão e o impacto na saúde. *Setor Saúde*. 2017. Disponível em: <<https://setorsaude.com.br/os-surpreendentes-efeitos-da-solidao-e-o-impacto-na-saude/>> Acesso em: 11 nov. 2018.

SILVA, J. Conceito de Solidão em Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*. n. 2 - Outubro de 2002. p. 84-90.

SILVA, S. Solidão e Exílio: a questão do outro. *Anuário de Literatura*. 8, 2000, p. 85-93.

SIQUEIRA, S. Representação da solidão na literatura. Um estudo de O Homem Duplicado – Saramago - e de Afirma Pereira - Tabucchi. *Revista Intercâmbio do Congresso de Humanidades*. Universidade de Brasília, 2009, p. 1-10.

TAVARES, R. Homem encontrado morto deitado em rede após 1 ano e 3 meses deixou

mensagens na parede. *Tribuna do Ceará*. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/homem-encontrado-morto-deitado-em-rede-apos-1-ano-e-3-meses-deixou-mensagens-na-parede/>> Acesso em: 11 nov. 2018.

SARTRE, J. *O ser e o nada* - Ensaio de ontologia fenomenológica. 5ª ed. Trad. Paulo Perdigão. Ed. Vozes. Petrópolis. RJ. 1997.

SOUZA, F. *Diferença entre solitude e solidão – Você conhece a diferença?* (Tillich) 2014. Disponível em: <<https://www.psicologiamsn.com/2014/08/diferenca-entre-solitude-e-solidao-voce-conhece-diferenca.html>> Acesso em: 11 nov. 2018.

VIEIRA, V. Solidão pode matar tanto quanto a obesidade. *Saúde*. 2017. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/solidao-pode-matar-tanto-quanto-a-obesidade/> Acesso em: 11 nov. 2018.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. *A construção da Enunciação e Outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 273p.

VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*/Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª Edição).